


## A IDEIA DE BEHAVIORISMO EPISTEMOLÓGICO EM RORTY: UM HOLISMO SEM SUPORTES METAFÍSICOS

Bruno Araujo Alencar<sup>1</sup>


Universidade Federal do Piauí (UFPI)

 <https://orcid.org/0000-0002-1826-0826>

E-mail: [brunoalencar@ufpi.edu.br](mailto:brunoalencar@ufpi.edu.br)

Heraldo Aparecido Silva<sup>2</sup>

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

 <https://orcid.org/0000-0001-5533-0726>

E-mail: [heraldokf@yahoo.com.br](mailto:heraldokf@yahoo.com.br)

### RESUMO:

O presente ensaio analisa o entendimento de *behaviorismo epistemológico* como um *holismo* sem pressupostos metafísicos, a partir de Richard Rorty (1931-2007). Para tanto, partiremos da ideia do “Mito do Dado” de Wilfrid Sellars, como um impulso filosófico ao qual Rorty se apropria para desenvolver a sua noção de que o *behaviorismo epistemológico* seria, na melhor das hipóteses, um *holismo* para criar contextos de justificação. Inicialmente, proporemos uma discussão sobre a questão do *nominalismo psicológico*, apresentado no texto de Margutti, *Ceticismo, pragmatismo e a crítica de Sellars ao “Mito do Dado”*, observando como tal pressuposto constitui uma crítica rortyana para se chegar à ênfase da proposta. Em seguida, iremos ressaltar o entendimento que o filósofo neopragmatista tem do que é para ele, a noção de *behaviorismo epistemológico*, sem conotações metafísicas, uma em que parte da visão de dados sensíveis e epistêmicos para explicar nossa ação com o mundo, até uma que enfatiza a ideia de que seria melhor percebido como um *holismo*, isto é, um jogo de linguagem que diz qual o melhor jogo pode ser jogado, através de uma prática de justificação social. Nosso trabalho conta com o aporte teórico de Rorty (1979), Margutti (2000), entre outros. Nosso estudo indica que para se desvincular de explicações metafísicas e (re)descrever o *behaviorismo epistemológico*, Rorty aponta uma saída por meio de aparatos linguísticos que proporcionam uma ambientação em práticas sociais que permitem ir além de impressões sensíveis ou dados cognitivos, esclarecendo como a proposta pode ser difusa se estiver alinhada com a justificação ao invés da explicação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sellars; Rorty; Explicação; Justificação.

## RORTY’S IDEA OF EPISTEMOLOGICAL BEHAVIORISM: A HOLISM WITHOUT METAPHYSICAL SUPPORTS

### ABSTRACT:

The present essay analyzes the understanding of *epistemological behaviorism* as a *holism* without metaphysical presuppositions, from Richard Rorty (1931-2007). In order to do so, we will start from the idea of Wilfrid Sellars’ “*Myth of the Given*”, as a philosophical impulse that Rorty appropriates to develop his notion that epistemological behaviorism would be, at best, a holism to create justification contexts. Initially, we will propose a discussion on the question of *psychological nominalism*, presented in Margutti’s text, *Skepticism, pragmatism and Sellars’ critique of the “Myth of the Given”*, observing how this assumption constitutes a Rortyan critique to reach the emphasis of the proposal. Next, we will emphasize the understanding that the neopragmatist philosopher has of what it is for him, the notion of *epistemological behaviorism*, without metaphysical connotations, one in which he starts from the vision of sensitive and epistemic data to explain our action with the world, until one that emphasizes the idea that it would be better perceived as a *holism*, that is, a language game that says what the best game can be played, through a practice of social justification. Our work relies on the theoretical contribution of Rorty (1979), Margutti (2000), among others. Our study indicates that in order to detach himself from metaphysical explanations and (re)describe *epistemological behaviorism*, Rorty points out a way out through linguistic apparatuses that provide an environment in social practices that allow going beyond sensitive impressions or cognitive data, clarifying how the proposal can be fuzzy if it aligns with justification rather than explanation.

**KEYWORDS:** Sellars; Rorty; Explanation; Justification.

<sup>1</sup> Doutorando(a) em Filosofia na Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina – PI, Brasil. Professor(a) Substituto(a) da Universidade Federal do Piauí, (UFPI), Teresina – PI, Brasil.

<sup>2</sup> Doutor(a) em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), São Carlos – SP, Brasil. Professor(a) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina – PI, Brasil.

---

ALENCAR, Bruno Araujo; SILVA, Heraldo Aparecido. A ideia de behaviorismo epistemológico em Rorty: um holismo sem suportes metafísicos. *Griot : Revista de Filosofia*, Amargosa – BA, v.24 n.3, p.57-66, outubro, 2024.



## Introdução

A pesquisa em questão, objetiva suscitar um posicionamento do filósofo norte-americano e neopragmatista Richard Rorty acerca da questão do *behaviorismo epistemológico* discutido na obra *A filosofia e o espelho da natureza* (1994), no exato momento em que coaduna com o posicionamento presente no *Mito do Dado*, de Wilfred Sellars; mas indo além de uma explicação de quebra de paradigma com o empirismo lógico, seguindo por noções holísticas e justificacionais, sem pressupostos metafísicos. Nesse aspecto, iremos desencadear uma discussão que envolverá necessariamente o *nominalismo psicológico*, desde a percepção sensível até o conhecimento epistêmico em Sellars, para conseguinte trazer a discussão dessa contribuição para o que Rorty enseja como uma grande presunção para o desencadeamento de uma filosofia antirrepresentacionista, um *behaviorismo epistemológico* com contornos *holistas*, o que o desencadeará até sua proposta de justificação contextual.

Assim, primeiro iremos apresentar algumas e relevantes contribuições do *Mito do Dado* de Sellars, a partir do texto de Paulo R. Margutti, *Ceticismo, pragmatismo e a crítica de Sellars ao “Mito do Dado”* (2000), mais especificamente voltado ao âmbito da aquisição fato epistêmico em si, intercambiando entre o conhecimento sensível e o “dado”, ressaltando a questão do *nominalismo psicológico*, entendido como conhecimento primevo e que Sellars aponta como caminho a ser percorrido para se chegar ao conhecimento propriamente dito. Paulatinamente, traremos o entendimento do posicionamento da argumentação do “dado” como algo que contribuiu para o florescimento de um modo de concebermos uma filosofia antirrepresentacionista, a partir do crivo de Rorty.

Depois, analisaremos como toda essa proposta iniciada para explicar o falseamento da apreensão dos conteúdos do conhecimento por Sellars, e trazida à tona para mostrar como esse modo de perceber o conhecimento como o “dado”, foi erroneamente enclausurada pelo empirismo lógico, ao passo em que forja uma rica e difusa explicação do ato de conhecer. Tal menção é elogiada pelo filósofo neopragmatista, pois caracteriza um desvendamento da epistemologia findada em si mesma, como o bastante para explicar o conhecimento epistêmico.

Nessa perspectiva, suscitaremos como Rorty admoesta esse auxílio conduzido inicialmente por Sellars no que tange à quebra de barreiras que estão em volta de uma filosofia engessada pelo representacionismo filosófico. Ele percebe que essa maneira ímpar de explicação possa ascender para um holismo que não idealize pressupostos metafísicos, ou seja, sem as mesmas menções arquetípicas do conhecimento, permitindo por exemplo, que se possa criar contextos de justificação para dar vazões entre atos de consideração moral sobre como os animais humanos dão mais importância a certas espécies de animais e leva outras a abatedouros, não utilizando o caráter de *senciência* – capacidade dos seres vivos sofrerem ou desfrutar de prazer – como predileção. A intenção do neopragmatista é deixar claro sua suposição de que existe uma certa diferença entre explicar e justificar o conhecimento, e de como contextos sociais com debates promissores podem permitir uma discussão rica e difusa sobre o ato de criarmos novas *redes de crenças e desejos*.

Ante o exposto, o estudo indica uma possibilidade de aliança do *Mito do Dado* de Sellars frente à explicação de uma quebra de barreiras com o representacionismo filosófico, assim como adverte que o desencadeamento dessa possibilidade de conhecer fez com que Rorty pudesse elencar uma série de justificativas divergentes do que ora fora exposto por Sellars, como algo asseveradamente mais promissor para discussões filosóficas permeadas por contextos de debates sociais através da justificação.

## O “Mito do Dado” e a questão do *nominalismo psicológico*: de Sellars a Rorty

O *Mito do Dado*, abordado na obra *Empirism and the philosophy of mind* (1997), de Wilfrid Sellars, e também discutido no texto de Margutti em *Ceticismo, pragmatismo e a crítica de Sellars ao “Mito do Dado”* (2000), permite uma admoestação filosófica singular para tratarmos a questão do *nominalismo psicológico*<sup>3</sup> dentro do pensamento de Sellars a Rorty. Deste modo, a fundamentação do conhecimento, que é vista por Sellars não meramente como um fato adquirido através de nossa experiência sensorial inicial, é observado com bons olhos pelo filósofo norte-americano Richard Rorty, pois remonta um novo quadro filosófico que torna permissível (re) pensar a filosofia sob pontos de vistas ainda (in) pensados, dentro do contexto da teoria do conhecimento. Essa, foi uma das poucas contribuições significativas do kantismo, afirma o filósofo neopragmatista.

Tenho afirmado que o quadro kantiano de conceitos e intuições juntando-se para produzir conhecimento é necessário para dar sentido à idéia de “teoria do conhecimento” como uma disciplina especificamente filosófica, distinta da psicologia. Isso equivale a dizer que se não temos a distinção entre que é “dado” e o que é “acrescentado pela mente”, ou entre o “contingente” (porque influenciado que é dado” e o “necessário” (porque inteiramente “dentro” da mente e sob seu controle, então não iríamos saber o que iria contar como “reconstrução racional” de nosso conhecimento (Rorty, 1994, p. 174-175).

O que é possível observar diante deste contexto de confluências filosóficas, é o percurso dos conteúdos mentais, adquiridos por meio da impressão sensível e empiricamente dado<sup>4</sup>, até o conhecimento epistêmico. A intenção aqui não é mencionar contribuições kantianas a despeito de sua interpretação sobre como se deve intuir para se chegar a imperativos, de maneira a cometer digressão da ideia inicial do texto, mas é trivial contarmos com a distinção de tais processos do conhecimento para desencadearmos o “*Mito do Dado*” de Sellars, dentro da discussão rortyana. A intenção é perceber como esse fato de conhecer somente por meio de impressões sensíveis ou pelo conhecimento propriamente dado é vazio, para Rorty (1994).

A chave para a abordagem de Kant é sua distinção entre dois tipos de representações mentais: conceitos e intuições. Ele viu seus antecessores como empiristas, que tentaram reduzir conceitos (idéias generalizadas) a intuições (impressões sensoriais imediatas), ou racionalistas, que tentaram reduzir intuições a conceitos. Ambos, ele sustentou, falharam em perceber que uma experiência de um objeto requer tanto elementos conceituais quanto intuitivos, o conceitual fornecendo o arcabouço de inteligibilidade sem o qual o objeto não poderia ser apresentado e o intuitivo fornecendo o conteúdo sem o qual o arcabouço seria apenas um esquema vazio (Gutting, 2003, p. 42-43, tradução nossa).

De já, como adverte Gutting, ainda é observável dentro da percepção intuitiva, que o dado inicial apresenta apenas um conteúdo vazio, sem dimensões conceituais epistêmicas. Assim, mesmo apesar de tais distinções kantianas, Sellars remonta que Kant ainda fora vítima de conteúdos dogmáticos do conhecimento, pois “Se, no entanto, eu começar meu argumento com um ataque às teorias dos dados dos sentidos, é apenas como um primeiro passo em uma crítica geral de todo o quadro de doação” (Sellars, 1997, p. 14, tradução nossa). Assim, a ideia de sellarsiana é mostrar como esse ataque deve ser contundente, apresentando dados mais específicos, imaginando que essa explicação clássica diz respeito à duas ideias opostas:

<sup>3</sup> Para Margutti (2000), o *nominalismo psicológico* é a razão inicial da percepção sensorial de um dado conhecimento, ou seja, as crenças formam apenas conteúdos mentais, mas não configuram o conhecimento em si. Este por sua vez, só é adquirido mediante uma ação epistêmica, isto é, a partir de uma experiência inicial que teve com determinado objeto, que é a forma primeva do *nominalismo psicológico*, pode vir a se tornar conhecimento “[...] o fundamento do conhecimento empírico repousa em fatos não-inferenciais relativos à sensação” (Margutti, 2000, p. 138).

<sup>4</sup> Aqui, estamos nos referindo ao empirismo clássico, que admitia que a experiência por si só já era fator preponderante para termos o fato epistêmico.

A primeira delas é a de que existem certos episódios internos que podem ocorrer sem envolver qualquer processo prévio ligado à formação de conceitos, como por exemplo, uma sensação verde [...] A segunda é de que existem certos episódios internos que constituem conhecimentos não-inferenciais, como, por exemplo, o conhecimento de que uma certa coisa é verde. E estes episódios são condições necessárias para o conhecimento empírico, na medida em que fornecem a evidência para todas as proposições empíricas (Margutti, 2000, p. 141).

O que é fatídico aqui, é a presunção de que a exposição do “dado”, leva a uma reflexão que vai muito além de uma explicação casuística abstrata ou específica, como o dado sensorial, o que ocasionaria um certo embaraço do que se conhece. O fato de algo ser verde, traz à tona algum tipo de conhecimento inferencial de que aquilo é verde, e, acaba realizando uma dicotomia de que ao mesmo tempo que sei que aquilo é verde, tenho uma sensação não-inferencial de que aquilo também é verde, sendo esse conhecimento, ao mesmo tempo, cognitivo e não-cognitivo. A ideia do mito do “dado” é resultado de o embaraço do ato do conhecimento empírico produzir uma crença específica sensorial e a explicação desse modo de conhecer a crença, que perpassa à maneira pela qual esse conhecimento foi adquirido (Margutti, 2000).

Tal prognose, pode ser inicialmente chamada de *nominalismo psicológico*, para Sellars, remete ao ato de termos certas sensações cruas para sermos capazes de nos referir e compreender adequadamente ao que pretendemos conhecer. Desse modo, Rorty, durante a escrita da introdução da obra *Empirism and the philosophy of mind* (1997), enfatiza que uma das grandes contribuições de Sellars para nos advertir acerca do representacionismo filosófico implícito no processo de aquisição de conhecimento, foi mostrar que ele não está acurado dentro da realidade, como simplesmente um dado já estabelecido, mas mostrar que é possível se chegar até ele por meio da linguagem.

Sellars, como mais tarde Wittgenstein, mas ao contrário de Kant, identificou a posse de um conceito com o domínio do uso de uma palavra. Então para ele, o domínio de uma língua é pré-requisito da experiência consciente. [...] toda consciência de entidades abstratas - na verdade, toda consciência, mesmo de particulares, é uma questão linguística. "Essa doutrina, que ele chamou de "nominalismo psicológico", implica que Locke, Berkeley e Hume estavam errados ao pensar que estamos "conscientes de certos tipos determinados... simplesmente por virtude de ter sensações e imagens" (Rorty, 1997, p. 4, tradução nossa).

O que se torna perceptível, é a contribuição ímpar à qual Sellars realiza com a descoberta da linguagem para se chegar ao entendimento de fato epistêmico. Para Rorty, Sellars levantou questões ainda (in) pensadas sobre as características do empirismo lógico dentro do que entende como privilégio da epistemologia dentro do âmbito das representações acuradas da realidade, tal como um espelho que procura refletir as mesmas representações da natureza (Rorty, 1994).

Deste modo, a presunção de Sellars é propor uma afirmação de que o conhecimento não pode se subverter somente a algo previamente dado e construído dentro de uma consciência lógica, e sim mostrar como ele está interligado à proposta de aquisição de uma linguagem “Desejo enfatizar, portanto, que como estou usando o termo, a conotação primária do "nominalismo psicológico" é a negação de que haja qualquer consciência do espaço lógico anterior ou independente de a aquisição de uma língua” (Sellars, 1997, p. 66, tradução nossa).

Ora, desse modo, o *nominalismo psicológico*, de certa forma, quebra um paradigma filosófico vigente e dado por um sistema de regras inferenciais como correto. Em *A filosofia e o espelho da Natureza*, Rorty apresenta uma ideia de percepção pré-linguística, citando como

exemplo a noção da existência de *sensações cruas*<sup>5</sup>, como impressões iniciais do conhecimento, fazendo uma correlação com a noção de *nominalismo psicológico* de Sellars<sup>6</sup>:

Em “Empirism and the Philosophy of Mind”, Sellars formula “nominalismo psicológico” com a visão de que toda percepção de *tipos, semelhanças, fatos* etc., em suma, toda percepção de entidades abstratas – com efeito, toda percepção mesmo de particulares – é uma ocorrência lingüística. De acordo com isso, nem mesmo a percepção de tais tipos, semelhanças e fatos, enquanto pertinente à assim chamada experiência imediata, é pressuposta pelo processo de adquirir o uso da linguagem (Rorty, 1994, p. 187).

O cerne da questão da relação do *nominalismo psicológico*, caracterizado para destituir o “dado” em Sellars, possibilita pensar o uso da linguagem como fator preponderante para remediar os problemas do empirismo lógico, em apenas inferir um conteúdo proposicional ao objeto, por exemplo, por meio de um processo definicional de uma percepção de primeiro sentido, pois “[...] não é uma questão de estar justificado na asserção de proposições” (Rorty, 1994, p. 189). O que o filósofo neopragmatista tentar mostrar é que:

A percepção no segundo sentido é manifestada apenas por seres cujo comportamento construímos como a enunciação de sentenças com a intenção de justificar a enunciação de outras sentenças. Nesse último sentido a percepção é crença verdadeira justificada – conhecimento –, mas no sentido anterior é a capacidade de responder a estímulos (Rorty, 1994, p. 187).

Numa análise do debate sobre o *Mito do Dado*, até a questão do *nominalismo psicológico*, de Sellars a Rorty, é possível perceber que desde a cooptação de *sensações cruas*, até a justificação de suas enunciações por meio de sentenças conceituais, estamos construindo uma rede de relações que permitem ampliar nosso conjunto de *rede de crenças e desejos*, que, tomando emprestada a noção de verdade de William James, é aquilo em que é bom para se acreditar (Rorty, 2005). Rorty acredita que essa seria uma noção mais entusiasmada para se explicar a quebra de um paradigma vigente, o *Mito do Dado*, de maneira mais contextual, sem entonar tantas explicações de fatos sensíveis e epistêmicos representacionais que refletem o espelho da natureza. No tópico seguinte, proporemos a ampliação dessa questão.

### **O behaviorismo epistemológico sem conotações metafísicas: um holismo sob o olhar pragmatista de Rorty**

A proposta de concentrarmos a mudança de paradigma da questão do empiricamente dado na seção anterior, traz à tona uma menção de que para Rorty, Sellars levantou alusões desconcertantes da aparente e quase imutabilidade do empirismo lógico dentro do que entende como um mero privilégio da epistemologia dentro do âmbito das representações acuradas da realidade, tal contribuição é bem vista pelo pragmatista. No entanto, a propositura rortyana se diferencia do entendimento do modo sob o qual poderíamos fugir da eminência do “dado”, ressaltando um *holismo*<sup>7</sup> lingüístico para transitar do que Rorty chama de uma mera explicação dos desdobramentos do dado, até uma útil justificação contextual. Para tanto, mostra como o holismo poderia trazer à tona uma diferença vocabular entre explicar e justificar, dentro do *behaviorismo epistemológico*.

<sup>5</sup> Richard Rorty ressalta que “[...] dores, quaisquer sensações que os bebês tenham ao olhar objetos coloridos [...] capacidades de responder a estímulos” (Rorty, 1994, p. 187), estão relacionados a sensações ou percepções iniciais do ato de conhecer, chamadas de *sensações cruas*.

<sup>6</sup> Rorty, 1994, p. 187-196.

<sup>7</sup> Tal noção implica em pensarmos por meio da linguagem, novos pressupostos para a filosofia, não como um dado fundacional ao qual sempre fomos colocados face-a-face, mas uma percepção de substituição do relato do conhecimento humano, sem percepções arquetípicas (Rorty, 1994).

Explicar a racionalidade e a autoridade epistêmica por referência ao que a sociedade nos permite dizer, mais do que o contrário, é a essência do que irei chamar “behaviorismo epistemológico”, uma atitude comum a Dewey e a Wittgenstein. Esse tipo de behaviorismo pode ser visto melhor como uma espécie de holismo – mas um holismo que não requer quaisquer suportes metafísicos idealistas (Rorty, 1994, p. 179-180).

Após desencadearmos a conjectura do que seria o *nominalismo psicológico*, dentro da epistemologia, como fundamento do empirismo lógico para Sellars, faremos agora o debate da noção de *behaviorismo epistemológico* a partir do entendimento de Richard Rorty, sem conotações metafísicas, entendido como um *holismo*, pois admoesta que a busca assertiva pela representatividade acurada da realidade, e idealizada pelo platonismo como uma certeza de percepção visual, seja (des) percebida, haja vista o acometimento de um certo descrédito inicial ao modo de pensarmos empiricamente. Vale à pena mencionar que Rorty não deseja abolir o mentalismo ou o fundacionismo, mas fazer-nos percebê-los como uma *Essência Especular*<sup>8</sup>.

Uma abordagem holística ao conhecimento não é uma questão de polêmica antifundamentalista, mas um descrédito do empreendimento epistemológico como um todo. Uma abordagem behaviorística a episódios de “perceptividade direta” não é uma questão de polêmica antimentalista, mas um descrédito da busca platônica por aquele tipo especial de certeza associado à percepção visual. A imagem do Espelho da Natureza – um espelho visto mais fácil e certamente do que aquilo que espelha – sugere e é sugerida pela imagem da filosofia como tal busca (Rorty, 1994, p. 186).

Para muitos, o entendimento do filósofo norte-americano acerca de seu posicionamento antifundacionista só reflete numa postura cética, concebendo apenas predileções que são irremediáveis para além de Sellars. Ora, se tal postura de fato fosse entonada como uma proposta cética, então teria Rorty cometido o equívoco de ao (re) descrever o que chamou de *behaviorismo epistemológico* para *holismo*, acarretar em argumentos céticos?

Os críticos argumentaram que a rejeição de Rorty ao projeto da filosofia moderna é, na verdade, uma rejeição do próprio conhecimento; que o que ele apresenta como uma crítica da epistemologia é na verdade um ceticismo autodestrutivo (Gutting, 2003, p. 44, tradução nossa).

Por que afinal, *holismo* e não o ceticismo? Para Rorty, a discussão epistemológica, em tese, somente deverá ser argumentada se utilizarmos as atribuições de um jogo de linguagem, isto é, seria um debate em que pudéssemos jogar certos jogos linguísticos atribuídos a movimentos que propusessem compreensões significativas e contextuais, sem usar noções representacionistas que sempre foram alvo de questionamentos filosóficos, como a racionalidade, por exemplo, tida como atributo do conhecimento. Nesse instante, conseguiríamos objetar que a crítica de Sellars ao empiricamente dado, mostraria que saberíamos discernir entre pensamentos cognitivos e não-cognitivos, mas não nos diria como o fato de ter meras sensações poderiam explicar o *holismo* como justificção contextual (Rorty, 1994).

Em primeiro lugar, ficamos sabendo que as nossas sensações, ao contrário do que pensam os filósofos tradicionais, não possuem valor cognitivo. Em segundo, constatamos que a inexistência do “dado sensível” envolve o apelo a interações tipo causal para explicar

<sup>8</sup> A ideia de uma filosofia como Espelho da Natureza em Rorty, remonta a um quadro em que a filosofia sempre fora discutida, ensejando debates referidos à *nossa essência especular* “A frase *essência especular do homem* foi invocada pela primeira vez em filosofia por C. S. Peirce, em um ensaio de 1892 com esse título sobre “a teoria molecular do protoplasma”, que estranhamente Peirce considerava importante para a confirmação da visão de que “uma pessoa nada é senão um símbolo envolvendo uma idéia geral” e para estabelecer a existência de “mentes grupais” [...]” (Rorty, 1994, p. 55). Ao que subjaz, a ideia do neopragmatista é ensejar que essa *essência especular* remonta apenas a processos intelectivos, retratando a pureza da realidade.

como conhecemos o mundo [...] intuições sensíveis não possuem conteúdo proposicional (Margutti, 2000, p. 142).

A implicação dessa explanação de Margutti remete ao fato de que os conteúdos sensoriais que o animal humano possui, pode ser equivalente à sensação crua de um animal não humano, já que esses últimos se encontram em estágio de sensações semelhantes de alguns animais humanos em certas condições de desenvolvimento, como os bebês. Nesse sentido, ambos não apresentam conteúdos linguísticos formais, ao experimentar certas sensações mundanas, como no caso de sentirem prazer ou dor<sup>9</sup>. O exemplo dado por Rorty corrobora o intento filosófico ao qual fora admoestado anteriormente, sendo esse, um ponto fulcral para a diferenciação entre possuir uma dor e explicar o que é a dor, o que implicaria na *senciência*<sup>10</sup> e que critérios utilizamos para justificação contextual de ter experiências empíricas “dadas” e de outras que podemos estender para nossa *rede de crenças e desejos* sobre o que seria justificável interpor em uma conversa sobre o que seria a dor. Afinal, seria correto proteger koalas e instituir abatedouros para matança de porcos? É esse o ponto filosófico a mais que Rorty proporia para se referir ao que seriam contextos de justificação, evidenciando como a extensão de seu entendimento seria favorável para discutirmos problemas morais mais contingentes.

Esta afirmação de que o conhecimento dos animais sobre como são algumas coisas tem pouco a ver com a uma crença verdadeira justificada, porém muito a ver com moral, segue-se naturalmente da noção sellarsiana de que o interior de pessoas e quase-pessoas deve ser explicado pelo que acontecer no exterior (e, em particular, por seu lugar em nossa comunidade) mais do que inversamente (Rorty, 1994, p. 195).

Uma vez compreendidos tais jogos linguísticos diante desses argumentos epistemológicos, poderíamos facilmente discernir qual o propósito de tal *behaviorismo epistemológico* adicionado de um *holismo*, e de como poderíamos fazê-lo funcionar sem atribuir preceitos representacionistas (Rorty, 1994). Assim, a justificação estaria em volta das noções rortyanas de justificação contextual sem pressupostos metafísicos idealistas.

Seremos holísticos não porque tenhamos uma predileção por inteiros, não mais do que somos behavioristas por causa de uma aversão por “entidades espirituais”, mas simplesmente porque a justificação sempre *foi* behaviorística e holística. Apenas o filósofo profissional sonhou que poderia ser alguma coisa diferente, pois apenas ele é assustado pelo cético epistemológico (Rorty, 1994, p. 185).

O que é perceptível, é a explicação do momento da tentativa de justificação do conhecimento do filósofo profissional, que para Rorty, gera um colapso de entendimentos céticos, não levando o debate a lugar nenhum. Somente quando o conhecimento tiver fitos holísticos e behavioristas poderemos conjugar verbos familiares para uma discussão rica e difusa, Rorty afirma não recair num argumento cético, uma vez que o que propõe são contextos de justificação social, (Rorty, 1989). Então, a justificação hermenêutica seria a melhor impressão do sensível ao qual poderíamos fazer jus em contextos sociais promissores.

<sup>9</sup> Apesar do debate sobre certas questões que envolvem a ética animal ainda ser recente no pragmatismo, do ponto de vista de Richard Rorty, ao mencionarmos características biológicas entre as diferenças cognitivas e não cognitivas entre animais humanos e animais não humanos, é de se considerar que existe uma questão sugestivamente moral, do ponto de vista de enviar certas espécies animais para um abatedouro, enquanto outras preservamos a espécie (Light; Mckenna, 2004). Essa é também uma argumentação que expõe a capacidade de ter certas sensações simplesmente por conta da falta de uma atribuição pré-linguística, do ponto de vista da filosofia da mente. “Essa visão da atribuição de percepção pré-linguística – como uma cortesia entendida a colegas-falantes de nossa linguagem, potenciais ou imaginados – tem como corolário que proibições morais contra machucar bebês e os tipos de animais mais bem vistos não são “ontologicamente embasadas” em sua possessão de sentimento [...] Isso pode ser visto ao notar-se que ninguém, exceto filósofos da mente, se importa se a sensação crua de dor ou de vermelhidão é diferente para os koalas do que para nós, mas que todos nós nos preocupamos um pouco com um koala se o vemos se contorcendo [...] Os porcos se classificam muito melhor que os koalas em testes de inteligência, mas os porcos não se contorcem de modo humanoide [...] enviamos porcos ao matadouro com equanimidade, mas formamos sociedades para a proteção dos koalas” (Rorty, 1994, p. 194).

<sup>10</sup> A *senciência* é a capacidade de desfrutar de prazer ou sentir dor, não havendo qualquer implicação linguística para darmos maior ou menor consideração moral aos seres vivos, e sim simplesmente pela sua capacidade de possuir um sistema nervoso central regulador que o permite ter sensações (Singer, 2010).

Alcançar verdade objetiva é possível; como Davidson critica o dogma esquema-conteúdo, ao qual a verdade é relativa, a tese da relatividade cai também. A verdade depende de uma linguagem, e é isso justamente que permite objetividade. Temos contato com o mundo, e nessas atividades certas facetas dos objetos são destacadas, o que permite que certas sentenças e opiniões sejam verdadeiras ou falsas; nossas idéias funcionam com relação ao resto da cultura, em meio à nossa vida e aos nossos modos de inquirir. Esse é o ideal numa cultura pragmatizada; buscar regras para o conhecimento e regras para a ação não é compulsório. Essa é a novidade do pragmatismo de Rorty; não há mais a busca por confronto e limite almejados pelo behaviorismo epistemológico de Quine e Sellars. Rorty segue em frente, vê na hermenêutica a opção que dispensa a verdade e a certeza obtidas à custa de confronto sujeito-objeto e comensuração (Araújo, 2006, p. 21-22).

Tal entendimento, apresentado por Inês Araújo (2006), diz respeito ao postulado holista que Rorty se refere em *A filosofia e o espelho da Natureza*. A “hermenêutica” mencionada em seu texto faz referência à justificação rortyana do que entende ser o *behaviorismo epistemológico* com pressupostos holísticos. Esse modo peculiar de “inquirir” cogita um novo modo de perceber a crítica ao “dado” de Sellars e que Rorty acaba apresentando novas considerações.

O behaviorismo na epistemologia é uma questão não de parcimônia metafísica, mas de se se pode atribuir autoridade a afirmações em virtude de relações de “familiaridade” entre pessoas e, por exemplo, pensamentos, impressões, universais e proposições (Rorty, 1994, p. 182).

Assim, a inspiração de que o *behaviorismo epistemológico* com crivos holistas não pode se adequar à explicação do fato do empirismo lógico, nem ao “dado” em Sellars, pleiteia uma prática pode ser atribuída como um suporte para criar contextos de justificação promissores. Desse modo, não ficaria confinada dentro de uma fundamentação filosófica, saindo em busca de explicações para perceber se de fato esses fundamentos fazem sentido. Apesar de apresentar o seu retrato do *holismo*, Rorty ensaja que esse desvendamento do “dado” de Sellars foi de grande prestígio para o antifundacionalismo na filosofia.

Eu argumentaria que a importância da abordagem de Sellars à epistemologia é a de que ele vê a verdadeira e interessante irredutibilidade na área não como uma irredutibilidade entre um tipo particular (mental, intencional) e outro (físico), mas entre descrições por um lado e normas, práticas e valores por outro (Rorty, 1994, p. 185).

O que Rorty salienta, é que apesar da atribuição percebida pela discussão sellarsiana para muitos envolver um certo tipo de psicologismo comportamental, vai além, mostrando que “[...] toda percepção mesmo de particulares – é uma ocorrência linguística” (Rorty, 1994, p. 187). Assim, a articulação vocabular passaria de uma mera anuência conceitual para um olhar vocabular linguístico e justificacional.

A contribuição central da descoberta do “dado” empírico ao qual Richard Rorty entende que Sellars fez, contribuiu significativamente para a discussão holística justificacional no âmbito da filosofia, como um (re) pensar nos fatos explicativos de aquisição do empiricamente “dado”, nos fazendo perceber a quão difusa pode ser a proposta, distinguindo o que seria uma explicação de um contexto *holístico* de justificação.

## Considerações finais

A pressuposição de que o conhecimento não é um “dado” estipuladamente mantido pelo representacionismo e que Sellars revisou e explicou em seus mais diversos conteúdos



proposicionais e inferenciais, fez com que Rorty observasse tal postura discursiva como um grande feito para uma nova vertente do pensamento filosófico, permitindo-o criar contextos de justificação para interpor algumas querelas dos debates filosóficos que para ele, já eram abusivamente desgastados.

Desse modo, a ideia de que o conhecimento já não era representado acuradamente pela realidade – proposto por Sellars, tendo como ponto de partida a noção de sensações cruas até o fato epistêmico em si – fez com que Rorty conjecturasse tal postura, aprimorando-a como uma (re) descoberta que iria além de uma explicação causal, mediada por proposições lógicas.

Indo adiante do *nominalismo psicológico*, a ideia de propor uma comensuração de *behaviorismo epistemológico*, alicerçado por um *holismo*, permite que haja um certo tipo de contexto de justificação que vai além do mero fato de explicar o conhecimento em si. A ideia por exemplo, remete criar novas posturas filosóficas que permitem pensar não somente nas mesmas e corriqueiras reflexões mundanas, amplia também o rol de debates filosóficos, como o desencadeamento da consideração moral, a exemplo, a certos animais não humanos (koalas e porcos), por meio de um holismo que nos faz cooptar instâncias de justificação ainda não trazidas à tona, dentro do “dado” explicativo, mas que certamente propõe um debate enriquecedor, do ponto de vista pragmatista.

Desde a quebra do empiricamente “dado” sellarsiano, até a ruptura como o representacionismo filosófico, houve uma incessante possibilidade de se (re) pensar a filosofia. A cada reviravolta, ainda se torna possível arquitetar discussões hermenêuticas ricas e difusas para tratamos da estrutura do conhecimento, que vai desde seu processo naturalizado até debates morais que envolvem uma gama infinita de seres *sencientes*.

## Referências

- ARAÚJO, Inês Lacerda. O neopragmatismo de R. Rorty. *Cognitio*. v.7, n.1, jan./jun. 2006, p. 13-24.
- GUTTING, Gary. Rorty's Critique of Epistemology. *In: Richard Rorty*. Charles Guignon e David R. Hiley Org's. New York: Cambridge University Press, 2003. P. 41-60.
- MARGUTTI, Paulo R. Ceticismo, pragmatismo e a crítica de Sellars ao "Mito do Dado". *In: Ceticismo: perspectivas históricas e filosóficas*. Henrique de Araújo Dutra, Plínio Junqueira Srnith Org's. Florianópolis: NELIUFSC, 2000. p. 137-156.
- LIGHT, A; MCKENNA, E. Pragmatism and the Future of Human-Nonhuman Relationships. *In: Animal pragmatism: rethinking human-nonhuman relationships*. Org's Erin McKenna; Andrew Light. Bloomington: Indiana University Press, 2004. p. 1-16.
- RORTY, Richard. *A filosofia e o espelho da natureza*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- RORTY, Richard. *Contingency, irony and solidarity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- SINGER, Peter. *Libertação Animal*. Trad. de Marly Winkler e Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- SELLARS, Wilfrid. *Empiricism and the philosophy of mind*. London: Haward University Press. 1997.

---

**Contribuição dos(as) autores(as) / Author's Contributions:** Bruno Araujo Alencar e Heraldo Aparecido Silva participaram da pesquisa, da discussão e da redação do artigo. Ambos(as) aceitaram e aprovaram a versão final do texto.

---

**Autor(a) para correspondência / Corresponding author:** Bruno Araujo Alencar. [brunoalencar@ufpi.edu.br](mailto:brunoalencar@ufpi.edu.br)